

## **POR QUE DEVEMOS FALAR DE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS?**

**Evaldo Batista Mariano Júnior<sup>1</sup>, Vânia Maria de Oliveira Vieira<sup>2</sup>, Isabel Cristina da Costa Silva<sup>3</sup>**

<sup>1,2</sup> Universidade de Uberaba – UNIUBE.

<sup>1</sup>[ebmpsi@yahoo.com.br](mailto:ebmpsi@yahoo.com.br) / <sup>2</sup>[vaniacamila@uol.com.br](mailto:vaniacamila@uol.com.br)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Uberlândia – UFU. [isabelcristina\\_39@hotmail.com](mailto:isabelcristina_39@hotmail.com)

**Linha de trabalho:** Experiências de caráter motivador e Inovação Pedagógica.

### **Resumo**

Esse estudo objetiva compreender e questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres, possibilitando a reflexão crítica e o debate para questões relacionadas à equidade de gênero e sexualidade na escola. O conceito de gênero sofreu influências históricas desde a revolução sexual em 1950 até os dias atuais. A metodologia usada foi à pesquisa bibliográfica. Foram utilizados os bancos de dados da Scielo e da CAPES. Os resultados a partir dos artigos selecionados mostram que, gênero e diversidade sexual na escola são assuntos a serem trabalhados diariamente para extinguir o preconceito e valorizar as diferenças dos alunos.

**Palavras-chave:** Identidade, Sexualidade, Diversidade, Gênero na Escola.

### **Considerações iniciais**

Sabemos que é extrema relevância discutir a temática de gênero na escola. Vivemos numa sociedade plural, mas que ainda tem resistência em deliberar certos padrões sociais ligados à masculinidade e feminilidade. Se voltarmos o nosso olhar para a infância e, sobretudo para os meninos constataremos que, o sujeito do sexo masculino, deve preferir azul, brincar com carrinhos, jogar futebol e ser viril, enquanto que é esperado das meninas o gosto pela cor rosa, brincadeiras associadas à certa profissão como professora, dona de casa além comportamentos dóceis, sensíveis e meigos.

As crianças, desde muito pequenas, por diferentes processos psicológicos (sentimento de pertencimento a um grupo de sexo, elaboração de esquemas de gênero, segregação sexual, entre outros) atribuem uma importância crescente à questão de pertencimento a um grupo de sexo. Motivadas por desafios identitários inevitáveis, elas vão progressivamente dicotomizar seu ambiente tanto material como social através do filtro do gênero. Nesse quadro, os brinquedos não fogem à regra; do ponto de vista das

crianças é muito claro que existem brinquedos de meninas e brinquedos de meninos (MESSABEL et al, 2016, p. 531).

Em sala de aula, a temática do gênero aparece diariamente, pois, falar de gênero é discutir a diversidade das pessoas no seu modo de ser, agir, comportar e viver. Os alunos trazem consigo valores, culturas, crenças, pensamentos e personalidades dessemelhantes, portanto é nesse ínterim de pluralidade, que são formados os estereótipos.

Estes são generalizações não científicas sobre o que é considerado característico de cada gênero e, são produto/produtor de preconceitos que, muitas vezes, firmam os interesses hegemônicos. Devido as suas consequências, os estereótipos e preconceitos relacionados com o gênero se destacam, e reverberam em representações sexistas que produzem efeitos adversos na sociedade (ALMEIDA, et al, 2016, p. 229).

Nosso estudo concentra-se na era da Revolução Sexual<sup>1</sup> em 1950 até atualidade. Pois, a concepção de gênero sofreu influências históricas, políticas, morais, sociais e culturais e está intimamente relacionada com os papéis sexuais a serem seguidos. Antes do nascimento de qualquer ser humano determinados padrões de personalidade e normas comportamentais são determinadas tanto para o homem quanto para a mulher, fruto de construções sociais desde os tempos remotos.

A ideia de pluralidade sobre o conceito de gênero implica em admitir não apenas que sociedades diferentes teriam concepções diferentes de homem e mulher, como também que no interior de uma sociedade tais concepções seriam diversificadas, conforme a classe, a religião, a raça, e a idade. O gênero não se restringe a identidade biológica sexuada, mas à construção social como sujeito masculino e feminino, que se produzem em relação, não mais fixa e imutável, mas, sim, sujeita a todas as transformações histórico-sociais (ALMEIDA, et al, 2016, p. 229).

A educação deve ser pensada como uma prática política de formação para a cidadania, ou seja, *de formação para a vida*, assegurando toda e qualquer forma de expressão, valorizando a liberdade e a diversidade dos alunos. O mundo contemporâneo, não nos por permite estreitar a visão para as diferenças. A proposta parece utópica, mas deveria ser a realidade de nossas escolas.

---

<sup>1</sup> A Revolução Sexual foi como se denominou o movimento ocorrido na Europa em defesa da liberação sexual, da prática do sexo natural (sem repressão social) e da sexualidade alternativa, que teve forte expressão no feminismo, nos movimentos das comunidades gays e nas manifestações da juventude parisiense com o lema: "Faça amor, não faça guerra", entre as décadas de 50 e 60. Disponível em: <<http://www.lite.fe.unicamp.br/papet/2002/ep127/sexualidade.htm>>. Acesso em: 29 set. 2016.

Diante do exposto, fica o questionamento: *As escolas estão preparadas para lidar com as diferenças de identidade sexual e de gênero?*

A coleta de dados ocorreu por meio de 09 artigos, 01 documento<sup>2</sup> e 01 livro<sup>3</sup> pesquisados na base de dados Scielo, no Portal do Ministério da Educação – MEC e no Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES constituindo assim, uma pesquisa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica “possibilita um amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção, ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto” (GIL, 1994, p. 50).

Diante desses aspectos, surgiu à necessidade de elencar conteúdos que nos proporcione reflexões acerca da compreensão dessa realidade educacional e social. Portanto, o objetivo desse estudo foi: *Compreender como ocorre a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para alunos e alunas no ambiente escolar a partir da revisão na literatura, por meio da reflexão crítica e do debate - visando elucidar questões relacionadas à equidade de gênero, sexualidade e diversidade sexual.*

### **Homossexualidade e preconceito na escola: primeiras aproximações**

No interior da escola, os alunos com características opostas ao seu sexo biológico, ou seja, meninos que apresentam características femininas pela forma de conversar vestir e andar, ou que manifestam desejo físico e sexual por pessoas do mesmo sexo, estão mais propensas a sofrer situações de preconceito por parte dos alunos ditos heterossexuais ou dentro dos padrões “normais” impostos pela sociedade.

No contexto escolar favorável aos preconceitos e aos estereótipos, onde a educação sexual não se faz presente ou reforça cenários de intolerância, com base em fundamentalismos de toda ordem, o palavrão pode referendar o bullying escolar que abrange todos os atos de violência (física ou não) que ocorrem de forma intencional e repetitiva contra um ou mais alunos, impossibilitados de fazer frente às agressões sofridas (ROSELLI-CRUZ, 2011, p. 77).

---

<sup>2</sup> O documento refere-se aos Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual.

<sup>3</sup> Bullying: mentes perigosas nas escolas. Autora Ana Beatriz Barbosa Silva.

Inserir a educação sexual nos currículos possibilita o diálogo fecundo entre alunos, professores, familiares e toda a comunidade escolar. É uma forma de dar voz aos que sofrem e permitir aos que cometem alguma prática de violência física ou verbal a reflexão coletiva sobre os seus atos. “Para que a escola desenvolva ações efetivas para a prevenção do uso de palavrão como forma de comunicação interpessoal, evitando evoluir para formas mais violentas, precisa tomar consciência da força do preconceito, dos estereótipos e da discriminação nas relações sociais” (ROSELLI-CRUZ, 2011, p. 77).

Nesse sentido, faz-se necessário dentro do ambiente escolar pensar em estratégias diversificadas para erradicar as práticas de preconceitos. Uma das possibilidades seria usar a linguagem artística como forma de intervenção e comunicação. A música, a dança e o teatro são atividades lúdicas, precedidas de debates reflexivos que rompa paradigmas segregatórios, capazes de acessar os alunos de forma dinâmica no intuito de mudar comportamentos.

Trabalhar o palavrão na escola pode ser uma estratégia para o ensino da educação sexual, diminuição da agressividade e da homofobia. Os professores, de maneira geral, ainda não estão preparados para esse trabalho. Cabe à escola preocupar-se com a questão com treinamentos e muita discussão com os pais dos alunos. A curiosidade não satisfeita sobre sexualidade e a preocupação com a possibilidade de ser ofendido – pelo palavrão – com a acusação de ser homossexual, pode levar ao baixo desempenho escolar. O palavrão acusativo de homossexualidade, bem como de diferentes identidades de gênero, já levou alunos a pedir transferência de escola, com transtornos para a família (ROSELLI-CRUZ, 2011, p. 83).

Segundo o relatório anual sobre assassinato de homossexuais realizado pelo Grupo Gay da Bahia - GGB, cerca de 318 homossexuais foram mortos no Brasil<sup>4</sup> em 2015. Sabemos que a sociedade é composta por sujeitos etnocêntricos, isto é, cada sujeito visualiza o mundo a partir da sua lente cultural. Assim, imperioso é, a necessidade de visualizar o diverso dentro das escolas para que o corpo discente e docente aprenda agir com alteridade. Gays, travestis, transexuais e bissexuais estão inseridos no espaço educativo o tempo todo, não é possível em pleno século XXI dissociar uma escola para heterossexuais e homossexuais.

Entre as inúmeras funções da educação de nossas crianças e adolescentes está ensinar o respeito pelas diferenças. **Educar para o convívio harmonioso entre as diversidades é obrigação de todas as instituições de ensino.** O despreparo e o preconceito dos adultos no ambiente escolar e/ou familiar tendem a perpetuar e agravar o problema, além de contribuir para a ocorrência de suas cruéis e indesejáveis consequências. É fundamental que nossos jovens aprendam e compreendam que a homofobia, bem como

---

<sup>4</sup> Desse total de vítimas, o GGB diz que **52% são gays, 37% travestis, 16% lésbicas, 10% bissexuais.** O número é levemente menor que em 2014 quando, conforme o grupo, foram anotados 326 assassinatos. Disponível em: < <http://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/1742381-318-homossexuais-foram-mortos-no-brasil-em-2015>>. Acesso em: 23 set. 2016.



qualquer outro tipo de discriminação, é, sobretudo, um desrespeito à liberdade e à individualidade de cada ser humano (SILVA, 2010, p.149).

### **Gênero é diversidade são práticas educativas**

Em fevereiro de 2015 a revista brasileira Nova Escola publicou uma manchete mostrando o caso de Romeo Clarke uma criança britânica de 05 anos de idade que gosta de usar vestidos durante as atividades do cotidiano. Romeo participava de um projeto contraturno na cidade de Rugby, no Reino Unido, porém os profissionais do espaço educativo em que ele frequentava, considerou as roupas impróprias. O menino ficou afastado até que decidisse – palavras<sup>5</sup> da instituição – “se vestir de acordo com seu gênero”.

A imagem abaixo ilustra essa narrativa:



**Figura 1:** Romeo Clarke

O diálogo entre professores e alunos pode ser a principal forma de esclarecer dúvidas a respeito do corpo, das preferências sexuais e de vestimentas. Por acreditarmos que nem sempre os questionamentos referentes ao tema citado, são tratados de forma relevante pela família, por

<sup>5</sup> Disponível em: <<http://novaescola.org.br/conteudo/80/educacao-sexual-precisamos-falar-sobre-romeo>>. Acesso em: 24 set. 2016.

medo de incentivar ao “caminho errado” ou por falta de conhecimento e formação que os levem a manifestar os questionamentos feitos.

Ao longo do processo de ensino e aprendizagem aparecem indagações por parte dos alunos sobre o que constitui o masculino e o que constitui o feminino? Quais brinquedos/brincadeiras são de meninos, e quais são de meninas? O que se espera do homem? E o que se espera da mulher?

As formas de constituir-se masculino ou feminino são demarcadas e construídas socialmente. As cores rosa e azul tornaram-se marcas identitárias que definem um ideal de masculinidade e feminilidade. As cores marcam os corpos – o masculino e o feminino –, ditando regras e prescrições normativas de como se constituir, se portar, se movimentar, de como agir e de como ser na vivência e na constituição da identidade de gênero e também da identidade sexual (XAVIER FILHA, 2012, p. 635).

Relevante salientar, que no caso específico de Romeo Clarke o mesmo não se vê dentro dos padrões que são estabelecidos para o sexo masculino. E aí surge o conflito de identidade, pois, tem uma genitália masculina - a sociedade espera que ele se vista e se comporte como um menino, porém ele se identifica com características femininas. Até quando vamos excluir os alunos das escolas simplesmente por que não corresponde ao que foi instituído para o seu sexo? “A heterossexualidade é um modelo socialmente considerado padrão. Isso afeta a constituição da subjetividade. O conceito de heteronormatividade para explicar a obsessão com a sexualidade normalizante, através de discursos que descrevem a situação homossexual como desviante”. (BRITZMAN 1996, p. 79 *apud* XAVIER FILHA, 2012, p. 636).

Analisando as palavras do autor observamos que, a homossexualidade foge dos padrões sociais. Entretanto, dentro do universo escolar essas diferenças de orientação sexual são frequentes. Não tem como dizer para o aluno ou a aluna se interessar por este ou aquele sexo. É dever da escola proporcionar essas reflexões como prevê os PCNs – (Parâmetros Curriculares Nacionais): terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental de orientação sexual (1998, pág. 299):

Cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para **auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência por meio da reflexão**. Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação (PCNs, 1998, p. 299).

Portanto, uma das tarefas primordiais do educador é mostrar para o aluno ou para a aluna que existem múltiplas possibilidades de ser homem ou mulher e que uma não sobrepõe à outra. Essa proposta visa, sobretudo, extinguir a desigualdade entre as pessoas.

## Considerações Parciais

Neste sentido, a partir deste estudo pode-se dizer que a sociedade brasileira e não somente a escola se mostra muito conservadora. É preciso assegurar a implementação de políticas públicas para a formação continuada dos profissionais da educação. Não basta culpabilizar ou cobrar os professores pelos conhecimentos tácitos referentes a gênero, identidade sexual e sexualidade na escola. Os educadores nem sempre têm ancorados dentro si o olhar para essas questões, assim referendamos e questionamos que tipo de formação está sendo oferecida aos educadores? Por sabermos que a educação formal deve ser abrangente a todos os princípios social e humano.

No âmbito dos cursos de formação docente e especialmente de Pedagogia, é de suma importância inserir nos seus currículos estudos referente à educação sexual, violência de gênero e diversidade sexual para que no futuro possamos empoderar professores para discutir essas questões. É dever do estado e papel da escola ampliar a consciência dos educadores e educandos a respeito de novas formas de vida, de relações, de pensarmos aquilo que constitui a existência humana. Partindo do entendimento e compreensão que somos iguais a partir do respeito as nossas diferenças.

As escolas mais sensíveis e atentas às mudanças globais de nosso tempo já estão procurando iniciar processos de inovação e de reforma que poderão dar conta dos novos desafios. É necessário modificar não somente a organização escolar, os conteúdos programáticos, os métodos de ensino e estudo, mas, sobretudo, a mentalidade da educação formal. (SILVA, 2010, p. 63).

É responsabilidade das escolas brasileiras incorporar no Projeto Político Pedagógico – PPP esses apontamentos para que não se torne práticas isoladas dentro da sala de aula, desenvolvida apenas por determinados educadores que se interessam pelo tema, as questões de gênero e sexualidade devem compor todas as disciplinas do currículo escolar.

## Referências

- ALMEIDA, Deybson. B.; QUEIRÓS, Paulo. J.; SILVA, Gilberto, T.; LAITANO, Aline. C.; ALMEIDA, Sirléia. S. Estereótipos sexistas na enfermagem portuguesa: Um estudo histórico no período de 1935 a 1974. **Escola Anna Nery**, v. 2, p. 228-235, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Orientação Sexual* (3º e 4º ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC, 1998.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1994 .

LIMA, Telma. C.; MIOTO, Regina. C. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katál**, v.10, p. 37-45, 2007.

MESSABEL, Christine. M.; FERRIÈRE, Séverine.; LAINÉ, Aurélie.; MIEYAA, Yoan.; ROUYER, Véronique. Representações das categorias de sexo em crianças no contexto escolar. **Cadernos de pesquisa**, v. 46, p. 526-546, 2016.

ROSELLI-CRUZ, Amadeu. Homossexualidade, homofobia e a agressividade do palavrão. Seu uso na educação sexual escolar. **Educar em revista**, v. 39, p. 73-85, 2011.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro: **Objetiva**, 2010.

VIANNA, Cláudia. P. O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafios. **Educ. Pesqui**, v. 41, p. 791-806, 2015.

XAVIER FILHA, Constantina. A menina e o menino que brincavam de ser...: representações de gênero e sexualidade em pesquisa com crianças. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, p. 627-747, 2012.